

VILA REAL: A RIQUEZA DA PALAVRA NO “CONTO MILITAR” DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Denise Salim Santos**

A palavra não é de ninguém, mas sempre se encontra alguém que finque uma estaca de proprietário e ferre essas palavras com a marca que resolver.

(RIBEIRO, J.U. Vila Real)

O trecho em epígrafe é apenas uma das várias considerações que alguns dos personagens do universo ficcional do escritor João Ubaldo Ribeiro tecem a respeito do valor social e do poder da palavra, especialmente no romance *Vila Real*, publicado em 1979.

Segundo Ubaldo, não lhe escapa a preocupação de estar sempre em busca da palavra certa, da melhor palavra para expressar o mundo, as coisas, os sentimentos que constroem a trama de seus romances. O poeta Haroldo de Campos já dissera que o escritor surpreende pela riqueza vocabular que emprega em seu texto, o que não é de todo imprevisível. Na crônica “Memória de livros” (1983), o cronista itaparicano resenha poeticamente sua relação com livros, dicionários, revistas, enfim, a saudável e prazerosa convivência com as palavras, no encantamento que o mundo da leitura lhe propiciava na infância, a ponto de considerar os livros como o bem maior dentre todas as novidades que uma família tradicional, que “vivia bem”, poderia proporcionar, a uma criança. Relembra: *nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma briga ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita.*

Portanto, afirmar-se que o tesouro lexical aludido por Campos é reflexo do contínuo contato com os clássicos – nacionais e universais – não é querer forçar o tom para justificar o objeto de nosso trabalho: analisar a natureza do léxico em *Vila Real*. Como um pesquisador em seu laboratório, o autor faz seus experimentos lexicais: altera-lhes a plástica, altera-lhes as unidades fonéticas, reanima algumas velhas palavras já adormecidas na memória comum e confinadas às páginas de dicionários, ou revitaliza-as em toda a sua plenitude de significações e expressividade.

Mas de onde vem essa palavra? Qual a sua origem? Que motivação existe para serem empregadas? Ora se mostram transparentes em suas significações e intenções, ora são carregadas de mistério. Palavras novas, antigas, vernáculas, emprestadas de outras línguas?

No pensamento de Leandro Konder

a história das palavras nos propicia um riquíssimo material de reflexão a respeito da história das nossas sociedades em geral. Os movimentos da linguagem ocultam, mas ao mesmo tempo revelam, os movimentos dos desejos, dos medos, dos preconceitos e dos

* Universidade Iguacu-Rio de Janeiro

conhecimentos dos seres humanos [...] Examinadas com atenção, as palavras nos põem diante da crua realidade da violência institucionalizada que tem marcado a história de nossas sociedades: a presença de uma repressão às vezes camuflada, mas permanente e dolorosa, na preservação das hierarquias.

Tal pensamento se amalgama perfeitamente ao romance *Vila Real que* é um “conto militar”, assim apresentado por seu autor e traz como temática a luta do homem brasileiro contra a invasão capitalista estrangeira e continuada negligência nacional. De certa forma vai identificar-se com o movimento de fixação do homem em sua terra. Esta é a guerra enfrentada sobre a qual o escritor propõe uma reflexão mais *humanista da situação dos despossuídos e marginalizados* (palavras do autor). Ubaldo refere-se a esse livro como seu romance-poema, tal a poeticidade com que carrega o traço de seus escritos.

Em função das questões enumeradas até aqui, trabalhar o léxico na obra ubaldiana é um grande desafio, pois certos termos nos enganam de alguma forma. Ora julga-se estar diante de uma nova palavra, um neologismo lexical ou semântico, criação necessária para dar conta exatamente da expressividade do escritor. Mas logo tal julgamento vai por terra, pois a consulta a dicionários (não raro, o cronista nos convida a visitar a casa das palavras –os dicionários- para saber o que elas, de fato, significam) nos revela ser um item tão ou mais antigo que a própria língua, uma forma arcaizante. Segundo Ismael de Lima Coutinho (1976:210) os arcaísmos são *palavras, formas ou expressões antigas que deixaram de ser usadas*. Complementaríamos: exceto diante da necessidade, para fins estilísticos ou mesmo da volição do escritor em recuperar-lhes o uso. Por isso preferimos utilizar a expressão ‘forma arcaizante’ para justificar a ocorrência de tais palavras no romance analisado. Embora recomende Coutinho que o escritor tenha certos cuidados com o uso desse tipo de palavras para que a compreensão do leitor não fique comprometida, ou para não “denotar pedantismo literário”, como diria Rui Barbosa. Mas justifica seu emprego, discriminando-o quando o produtor do texto é consciente da “justa medida das coisas”. É este, sem dúvida, o caso de João Ubaldo Ribeiro.

No romance em questão encontramos como exemplo de formas arcaizantes os substantivos **avantesma** (1858) m.q.¹. fantasma²; **reiúnas** (1820), m.q. espingardas; rabavento (s XIII) m.q. conforme a direção do vento; alumiação (XV) m.q. iluminação; **engodo** (1553) m.q. isca; **embornal** (1596) m.q. saco de comida; **alimárias**(s XIV) m.q. animais; **farnel** (XV) saco de provisões, ou conjunto de provisões, **petrechos** Com relação a este grupo, teríamos a comentar o fato de que os dicionários apresentam a forma concorrente *bornal*, como brasileirismo, em lugar de embornal, o mesmo ocorrendo com engodo, também um brasileirismo, quando assume a acepção de ardil, engano, por relação metafórica. No texto, entretanto, o escrito vale-se do sentido primeiro. Outra observação que julgamos pertinente afeta o termo petrecho. A forma mais comum, hoje, é apetrecho. Aparentemente parece tratar-se de um termo corrompido pelo uso interiorano, submetido à alteração fonética, própria da oralidade - perda da vogal átona inicial, tal como sucede hoje em “brigado”por obrigado, “torrino”por otorrino, etc. Só que seu registro já existe desde 1448, mas com valor semântico de instrumento de guerra. Apetrecho está dicionarizado como um brasileirismo, mas com sentido outro: um acessório ou instrumento cênico,

¹ m.q por mesmo que

² Entre parênteses informamos a datação apresentada pelos dicionários consultados. Ver REFERÊNCIA

portanto, desviando-se do significado primeiro. No texto, Ubaldo emprega o vocábulo no sentido geral de objetos de guerra.

Em relação ao uso de adjetivos, exemplificamos: **insciente** (1649) m.q. ignorante; **femeal** (1651) m.q. referente a fêmea; **encalmado** (séc XV) m.q. encalorado; **colaço** (931-950) m.q. irmão de leite.

Ainda as forma verbais **derribar** (1136) m.q. abaixar, fazer cair; **porfiar** (séc XIII) m.q. alisar fios, palavra que, hoje, é empregada no sentido mais comum de lutar.

Finalmente a locução **à jusante** (séc XIII) m. q. no refluxo.

Em contrapartida, ainda que com frequência bastante inferior, aparecem itens lexicais que supomos pertencer ao grupo dos termos arcaizantes. Buscados, porém, nos dicionários que nos servem como *corpora* de exclusão³, é verificado que, de fato constituem formas neológicas das quais temos como exemplos : **malinagens**, **clarume**, **baleadeira**; **louva-deusa**, **marimbonda**, **combatentas** (respectivamente formas flexionadas em gênero de louva-deus, marimbondo e combatentes), **quererdizeres**, **facãozada**; alguns adjetivos como **escarranchado**, **descangotado**, **joalheiras** (empregado no sintagma “fagulhas **joalheiras**”, **aureolante**, **bencheirosos**, **baixios** (neologismo semântico referindo-se à região do corpo onde se localizam os órgãos genitais, sejam femininos ou masculinos. E ainda as formas verbais **estrondejar** e **malapresentar**.

Consultado sobre o emprego de tais formações neológicas, esclareceu-nos o escritor:

As palavras realmente não devem estar dicionarizadas e algumas delas são inventadas mesmo, embora de acordo com as práticas de derivação corretas, como o famoso ‘imexível’. CLARUME é clarão, usada pelo povo de Itaparica, por exemplo. MALINAGEM, também usada pelo povo, é mais ou menos a mesma coisa que malinação. MARIMBONDAS, COMBATENTAS e LOUVA-DEUSAS são formas femininas inexistentes, mas eu resolvi inventar, porque me pareceram caber no contexto(grifo nosso). AUREOLANTE é um adjetivo igual ao participio presente de aureolar. FACÃOZADA, também usada popularmente, é um golpe de facão. As outras não existem, mas dá para adivinhar, inclusive a também ouvida por mim do povo ESTRONDEJAR (trovejar, fazer um estrondo) BALEADEIRA é estilingue no Nordeste⁴

Como se vê não é apenas mais um escritor famoso, mas um profundo conhecedor da tradição da língua portuguesa, que lhe serve de instrumento de trabalho e da qual é um guardião incansável, fazendo questão de zelar por ela, mas que, exatamente por dominá-la com tanta propriedade se permite transgredir, quando a expressividade o exige e o contexto autoriza. E, por fim, deixa as marcas da fala popular ali registradas, com a naturalidade daqueles que reconhecem, também, o encanto das coisas simples, como o falar de seu povo.

É de Domicio Proença Filho (2004:168) a avaliação sobre esta competência lingüística especialíssima de João Ubaldo Ribeiro, romancista, cronista, ensaístas,

³ Os dicionários consultados encontram-se na REFERÊNCIA.

⁴ Estas informações foram fornecidas através de correspondência eletrônica mantida com o escritor e transcritas conforme o original.

jornalista, sempre com olhar aguçado para observar o mundo, as coisas que nele ocorrem e como isso se dá:

Senhor de um amplo e raro vocabulário, adquirido a partir de rica leitura que marca sua formação, o escritor conhece, como poucos, o idioma de que nos valem. Navega com mão segura, nas águas de todos os registros: o formal, o ultraformal, o informal, o ultra-informal. E tira partido das variantes regionais e dos sons e arranjos da língua. E funda significados.

Efetivamente ,é impossível uma análise do léxico sem o estabelecimento de paradigmas de natureza culta e popular. Assim , são representantes do primeiro paradigma: **jaez, veneras** (substantivo), **vieiras, insígnias, augúrios, estertores, aleivosia; imorredouros, sonorosos, tartamudo, imorredouro, soez, regurgitar, harpejar, adejar**. No popular inserem-se os brasileirismos como **lambedeira, matuto, malungo, retirante, carrapicho, porrada, reima, miolo** (no sentido de cérebro), **pano de bunda**⁵; **gourado, acolorado, rosento, arredeados; assuntar, torar** (na acepção de cortar o pescoço), **atocaiar, bodejar, faceirar, avexar, alumiar, papocar, matutar** .

O longo convívio da cultura lingüística portuguesa com a cultura dos índios brasileiros deixou enorme contribuição no léxico do português, principalmente naquele usado no Brasil. Assim, a presença de termos de origem indígena no texto de João Ubaldo é bastante significativa, principalmente quando encontramos descrições em que a referência à fauna à flora e aos acidentes geográficos compõem o espaço do percurso narrativo, dando-lhe estilisticamente a cor local. Para melhor visualização, o componente lingüístico de origem indígena será distribuído em quatro grupos a saber:

- a) itens lexicais que designam nomes de lugares, os topônimos: **Jurupema, Juari, Arapiraca;**
- b) itens lexicais que designam nomes comuns da flora: **caruara, cajaranas, abius, mangabas, umbus, ingás, pitombas, araçá, mamangavas, caatinga, apicum, cipó, catanduva, cunanã;**
- c) itens lexicais que designam objetos de uso: **maracá, caçoá;**
- d) itens lexicais que designam nomes comuns da fauna: **bacurau, carcará, motucas, sanhaço, piranha, tanajura, taturanas, jacaré, jaburu, jaçanã, guará.**

Calango, matungo, bamba, gaforinha, melancia, ipuera representam a contribuição africana à ampliação do nosso repertório lexical, ainda que de menor monta que a herança deixada pelos indígenas.

Por se tratar de um conto militar, é relevante considerar o acervo cuidadosamente selecionado que remete ao campo lexical de guerra : **tendas, atiradores, acampados, luta, invasor, batalha, balas, foice, marcha, carvalesiros, porfiar, tropas, ricochetear, panaço, reiúna, catapulta, fuzilaria, sangue, morte, decapitar, metralha** (substantivo), **pólvora, morte, porrete, guerreiros, guerrilheiros, cobatentes, guerrear**. Emparelham-se a toda essa terminologia as expressões cristalizadas do jargão militar, a que chamamos ordem unida, devidamente atualizada no discurso da personagem ubaldiano, homem do

⁵ A expressão pano de bunda ainda não está inserida na abonação da entrada lexical **pano**, que já apresenta uma série de formações sintagmáticas de estrutura pano de+ substantivo

povo do sertão brasileiro, que sofre com as poucas palavras que conhece, à frente dos seus iguais, conduzindo-os no confronto com o poder: **arms-ombre; meia-volta-arê; em frente marche; apresentar-arms; acelerado.**

Outros campos lexicais materializam-se no discurso das personagens durante toda a narrativa. Argemiro, por exemplo sofre por temer não saber usar a palavra certa na luta verbal pela posse das terras, mas sabe usar com propriedade o léxico religioso em suas orações e súplicas de proteção, por exemplo, no jogo intertextual riquíssimo quando toma consciência de si mesmo através da sua palavra, aquela que a partir daquele instante o identifica: Argemiro Meia-Lua

O Evangelho Segundo Nós [...] . Neste tempo, trazemos as boas novas de quem devem tratar todos os evangelhos, não somente os que estão nos livros, mas, principalmente, os que são lidos pelos padres que nunca se lembram de que sua primeira obrigação é trazer as boas novas ao rebanho. (1979: 160)

A esse discurso inicial juntar-se-ão expressões cristalizadas como “Louvado Seja Deus” ou fragmentos de orações e gestos do ritual religioso como o sinal da cruz: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”. Mas o conflito interior de Argemiro, ir ou não ir à guerra pelo seu povo, pelo seu chão faz com que ele, em discurso direto desconstrua parcialmente a forma tradicional do sinal da cruz através de uma transgressão de altíssimo valor expressivo ao substituir a palavra Santo por Pão:

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Pão. E só então viu que estava errado e que devia ter pensado Espírito Santo, mas aconteceu que lhe veio uma alegria soturna por dentro das veias. Se eu não sei falar, pensou Argemiro, você fala o que lhe ensinaram. Mas nunca vamos trabalhar contra nós mesmos, espírito pão, espírito pão, espírito pão” (1979:138)

Outras palavras ainda no campo lexical da religiosidade presente no texto são registradas referindo-se, por exemplo, à passagem bíblica de **Caim e Abel; céu, inferno, virginais, padres, alma, oratório, santo.**

Uma das características do texto de João Ubaldo Ribeiro é a necessidade de adjetivação intensa, algumas vezes como especificações distintivas de uma mesma classe, como ocorre no momento em que Argemiro vê desfilar em seu pensamento imagens de cavalos e éguas:

As fileiras de gente e bichos fraldeando os morros e as pedras, principiando aquela grande romagem, trazem à cabeça figuras de cavalos, pinturas soltas pelos campos, o ar desenha cavalos e éguas: um cavalo rengo, uma égua sabina, um cavalo cambaio, um cavalo cambraio, um cavalo argel, uma égua fouveira, cavalo estrelado, cavalo gateado, cavalo pampo, cavalo rabição, cavalo descopado, meu cavalo pelos ares, meus trotes, meus galopes, minha companhia vaqueira, o cheiro do trabalho forte (1979:113).

E de palavra em palavra, vamos descobrindo o encanto e a força de cada uma delas, às vezes sortilégios tão antigos, ressequidos em seu uso, mas que brotam novamente pelo trabalho cultivador de João Ubaldo Ribeiro. A partir de uma perspectiva de identidade heterogênea consegue acolher e dar voz às múltiplas faces de nossa formação cultural, trazendo em seus escritos a multiplicidade de elementos que constituem a formação brasileira.

Reportando-nos ao início deste trabalho e, conseqüentemente, ao poder que a palavra dá àquele que a domina no seu enfrentamento com o mundo, concluímos esta breve amostragem do tesouro vocabular e da alquimia das significações com que o autor de *Vila Real* nos presenteia, através de uma linguagem literária, que é necessariamente plural e polifônica, pois é a única que pode conter todas as demais linguagens. Deixamos, como uma confirmação da força imanente das palavras, algumas reflexões de Argemiro:

Porque lhe tiram o que está dentro, disse Argemiro, mastigando os dentes e vendo que pelos lados da boca lhe chegava o cuspe. Se não entendo tudo, devo ficar contente com o que entendo. E entendo que vejo estas árvores como árvores e que tenho direito a minha língua e que posso olhar nos olhos dos estranhos; não se desculpe por não gostar do que você gosta; não me olhe de cima para baixo; não me envergonhe de minha fala [...] (152)

Trazia na alma seiscentos ódios graúdos e pensou: que seria de mim fora da minha terra? Quem sabe mais que do que eu sei? A minha língua, as minhas palavras, estas coisas todas, posso esquecer? Não posso. ()

REFERÊNCIAS

- ALVES, M.I. **Neologismo. Criação lexical.** São Paulo: Ática, 1990.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira Gramática-Vocabulário.** 3. ed. São Paulo: SCCT, 1976.
- BUENO, F. da S. **Vocabulário Tupi-Gurani português.** 2. ed (rev. e aum). São Paulo: Gráfica Nagy, 1983.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **João Ubaldo Ribeiro.** Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, 1999.
- COUTINHO, I.L. de. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.
- CUNHA, A.G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira do português Contemporâneo.** e ed(revis. e acresc). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FERREIRA, A.B.de. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 1. ed. 15. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- HOUAISS, A. e VILAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LAPA, M.R. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOPES, N. **Dicionário banto do Brasil**. Repertório etimológico de vocábulos brasileiros originários do centro, sul, leste e sudoeste africanos. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade.
- PROENÇA FILHO, D. **Novas seletas**. João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- PILLA, E..H. **Os neologismos do português e a face social da língua**. Porto Alegre: AGE, 2002.
- RIBEIRO, J.U. **Vila Real**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- _____. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

